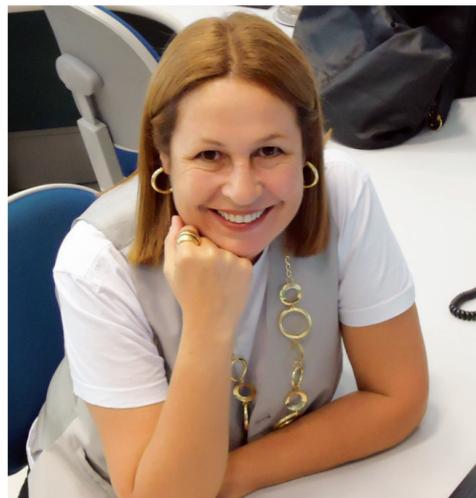


Jones Broleze

Colaboração: Elisabeth Schaedler Karam

Elisabeth Schaedler Karam, também conhecida por Lisi, jornalista, videirense-arroiotrintense, atualmente mora em Florianópolis. Mas desde que saiu de Videira já morou também em Curitiba e São Paulo. Abaixo, ela relembra os anos em que morou em Videira e conta o que faz atualmente.



Elisabeth em seu local de trabalho atual

Reencontros

Aos poucos esses contatos foram ficando mais espaçados. O estágio depois da faculdade se transformou em emprego e fui ficando por Curitiba. As férias então já não eram mais tão grandes como a de estudante. Mas meu contato com Videira – e também com Arroio Trinta – permanece. Constantemente venho visitar meus pais, que continuam morando na mesma rua e na mesma casa, assim como minha irmã Maria, casada com o Valmir Leoni, e sua família. Dos oito irmãos, só a Maria continua morando em Videira. Outra irmã que continuava em Videira, a Susana, casada com o Norberto Zanelato, há três anos mudou-se com a família para Florianópolis. A maior parte da família está em Florianópolis: a Vera, a Ana, a Carmen, o Paulo, a Susana e eu. A Miriam mora em Curitiba. Mas em datas comemorativas, como o Natal, é em Videira que nos reunimos. Dos oito irmãos, só eu não tenho filhos, então é uma infinidade de sobrinhos, filhos de sobrinhos...

E mesmo que na maior parte das vezes essas visitas sejam bem rápidas, vez ou outra a gente encontra velhos amigos. Na rua, num restaurante ou no shopping, por exemplo, não raro a gente esbarra em um colega que não via desde os tempos de escola, uma amiga que há anos não encontrava. E são sempre bons esses reencontros, essa reconexão com pessoas que há muito não se via.

E sempre dá, também, para acompanhar meus pais a uma visita a amigos que eles conservam em Arroio Trinta, o que é especialmente bom no verão, quando paramos no caminho para comprar frutas diretamente dos produtores. Nada como saborear uma uva, um figo, uma ameixa ou um incomparável pêssego da região recém-colhido.

Social

Lembranças

Videira é a parte da minha vida de criança e de jovem. Nasci em Arroio Trinta, na verdade, mas cresci em Videira, para onde minha família mudou-se, quando eu tinha quatro anos, em 1959. Foi em Videira que eu comecei a ir à escola – ainda lembro da minha primeira professora, dona Maria-zinha Zardo, e de outras que se seguiram à ela, como dona Lorita, dona Iolanda Berwanger e tantas outras e outros. Na escola havia muitos bons professores. Em casa, o exemplo dos meus pais, incentivando e apoiando cada um de seus filhos na caminhada pelo conhecimento e por uma vida baseada em bons princípios. Uma infância numa cidade pequena ideal para uma criança crescer – bem mais saudável do que numa grande cidade.

Em Videira estudei no então Grupo Escolar Adelina Régis e no Colégio Imaculada Conceição, até ir para Curitiba fazer vestibular para entrar na faculdade de Jornalismo. Mas continuava retornando a Videira em todas as férias – época de reencontro com amigos que moravam aqui e outros que, assim como eu, estudavam fora. Eram férias de jogos, festinhas e reuniões. Na casa de um ou de outro, especialmente na casa dos Lima (vizinhos de rua), um ponto de encontro da turma, assim como no Country Clube – este, principalmente no verão. E tinha também, até certa época, o Cine Guarani, o boliche, o Clube Vitória, lugares que não existem mais.

Essa turma era remanescente do Clube do Brucutu – o nome que uma turma de jovens se deu e que durou anos e anos, por diversas “gerações” de jovens. Minha irmã mais velha, a Maria, participou da fundação do clube, depois a minha irmã Vera se integrou à turma, depois a Ana, a Miriam. Os mais velhos iam se afastando, casando, assumindo outros compromissos, outros mais novos iam se integrando e o clube permanecia. Lá pelos meus 15, 20 anos, o clube oficialmente nem mais existia, mas era a mesma turma que se encontrava para jogar vôlei, ping-pong ou sair para uma lanchonete, uma festinha, assim por diante.

Vida profissional

Nessa vida de jornalista a gente acaba encontrando muitos fatos e pessoas interessantes. Famosos e anônimos, cada um com suas histórias e idéias. Trabalhei primeiro em Curitiba, depois em Florianópolis, cobrindo a parte cultural. E aí a gente entrevistava todo artista que vinha à cidade para um show, para lançar um filme ou para apresentar uma peça de teatro, como Roberto Carlos ou Elis Regina ou Irene Ravache, só para citar alguns exemplos.

De Florianópolis fui para São Paulo, trabalhei alguns anos em jornais e revistas de lá, entre eles o jornal Folha de S. Paulo e a revista Globo Rural. Depois, retornei a Florianópolis, onde moro atualmente. Nesse retorno a Florianópolis, fui durante alguns anos correspondente do jornal O Estado de S. Paulo, e passei a cobrir mais a parte de política e economia. E foi nessa época que, junto com outros dois colegas (Paulo Henrique Souza e Flávio Sturdze), começamos a fazer uma série de reportagens investigativas sobre irregularidades no governo que acabou levando o então governador Paulo Afonso a enfrentar um processo de impeachment. Foi uma das experiências mais marcantes da minha vida profissional.

Atualmente, além de ser sócia de meu irmão Paulo na empresa Arroio Trinta Produtora e Editora, atuo no jornalismo científico. Sou responsável pelo setor de divulgação científica da assessoria de imprensa da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), no campus da Grande Florianópolis. Também sou editora da Revista Unisul, uma publicação voltada à divulgação da produção científica da universidade – que aborda as pesquisas e os projetos desenvolvidos por seus professores e pesquisadores.

Por onde anda

Mudança

Mas Videira mudou muito desde aquela época, quando a gente praticamente conhecia todo mundo ou, pelo menos, se não conhecia, sabia pelo menos quem era. Hoje, não. Mesmo as pessoas que moram aqui não conhecem mais todos que vivem em Videira. Tem o lado bom e o lado ruim – pelo menos hoje as pessoas não precisam ir até Joaçaba para assistir a um filme no cinema, por exemplo, como até bem pouco acontecia, pois depois do fechamento do Cine Guarani, foram décadas até abrir o novo cinema no shopping. Agora, são os joaçabenses e os caçadorenses que vão a Videira quando querem ir ao cinema.



No aniversário de 90 anos de seu pai Dr. Francisco Karam, em março de 1909, juntamente com sua mãe e irmãos



Com a mãe, dona Lourdes, a irmã Vera Kleinubing (viúva do ex-senador e ex-governador Wilson Kleinubing) e o pai, Dr. Karam, durante homenagem a ele na Assembléia Legislativa de SC, em 2009.



Fazendo uma matéria sobre balonismo

Estamos todos surdos?

A jornalista faz uma reflexão sobre o massacre em escola do Rio de Janeiro
Beth Karam

Uma reflexão sobre o massacre na escola do Rio de Janeiro. Soube do acontecido pela internet, mas à noite liguei a televisão para ver as imagens, tentar visualizar o que tinha acontecido. Fiquei satisfeita, pois pelo menos no telejornal a que assisti os repórteres e âncoras conseguiram passar a emoção devida, retratar bem a situação, sem sensacionalismo. Pelo menos nesse dia, nesse jornal.

Uma repórter estava com a voz embargada, quase chorei junto com ela. O depoimento de uma das mães, ainda no calor da confusão que se instalou na frente do prédio da escola, conseguiu resumir o clima. Disse ela: “De repente, foi uma mãe ligando pra outra, saindo correndo, o morro inteiro desceu aqui”. Imagino o desespero de saber, aos gritos, por uma vizinha, que estava havendo um tiroteio na escola do seu filho.

Um dos adolescentes conseguiu sair e avisar três policiais que estavam ali perto e prontamente se dirigiram à escola. Tudo podia dar errado. Eles entraram na escola sem saber quantos atiradores havia, atiraram na primeira pessoa que viram armada. Tudo podia dar errado. Mas não deu. Como disse um analista, eles agiram intuitivamente, quando o bom senso recomendaria esperar por mais informações e reforços do lado de fora. Evitaram, talvez, que o atirador entrasse em mais uma sala de aula e matasse mais estudantes. Evitaram, talvez, que o atirador se protegesse em uma sala, fazendo os alunos de reféns. Mas foi essa intuição que fez com que o massacre não tenha sido maior.

No final de semana seguinte, liguei a TV para ter um panorama mais completo do que havia acontecido e do que já se sabia até o momento. E foi então que vi a cena chocante: no meio de pais, professores e policiais compreensivelmente nervosos, um adolescente, deitado no corredor, esvaia-se em sangue. As pessoas passavam para lá e para cá, quase pisoteando-o. Os policiais estavam preocupados em ver se havia mais alguém armado; os pais procuravam seus filhos, não tinham olhos para mais nada. Compreensível. Imagino que nessa hora de desespero a mente nos engana, não conseguimos ver nada além do que mais queremos: ver surgir sã e salva dos escombros a pessoa que procuramos.

O jornal “Diário de Pernambuco” mancheteou no dia seguinte: “12 mortos e 190 milhões de feridos”. Cenas emocionantes foram mostradas pela mídia – do massacre e da corrente de solidariedade que se instalou. Mais um daqueles momentos em que todos “se unem numa mesma emoção”.

Mas havia um adolescente, no chão, esvaído-se em sangue, e ninguém se abaixou para confortá-lo enquanto o socorro não chegava. Talvez seus pais não sabiam ainda de nada, talvez eles não tenham celular, ou trabalhavam longe, estavam em um ponto de ônibus qualquer, sem ter outra maneira de apressar a chegada à escola.

Passavam por esse adolescente, sangrando no chão, representantes da sociedade que moldou o atirador. E que não ouviu – ou não teve condições e habilidade – os apelos de socorro que o atirador talvez tenha emitido ao longo de sua vida.

Tudo é justificável, cada um desses pontos tem sua razão. Mas, muito além disso tudo, havia um adolescente.

Artigo publicado em 12/04/2011 no Unisul Hoje
Jornal online da Unisul

Bodas de Rubi

Jacinto e Ladi Araújo Lopes comemoraram 40 anos de casados com um almoço festivo onde recebeu o carinho de familiares e amigos.

Eles são pais de Monica e Graciele e avós de Eric.



Enlace

Marisa Andres Regert e Evandro Luis Carlesso casaram-se no dia 21 de maio na Capela São José – Sede Dona Alice – Tangará (SC), com recepção aos convidados no salão da capela.

Ela é filha de Odilo e Roseli (Andres) Regert e ele filho de Luis Carlos e Íria (Boesing) Carlesso

Trajes: Luagel
Fotos: Studio C



Aniversário

Paula Piovesan comemorou recentemente troca de idade em Tangará/SC.

Ela é filha do veterinário Gilmar Piovesan e da advogada Mara, que juntamente com sua filha receberam cerca de 80 convidados no Big Lanches.

Parabéns!



Dia dos namorados

O Restaurante da SERP promove no dia 11 de junho um jantar especial do Dia dos Namorados.

O cardápio foi cuidadosamente preparado pela chef Itá com pratos diferenciados, para marcar esta data ao lado pessoa que você ama.

As reservas poderão ser feitas pelo fone: 35660339 ou 35331223.

Vem aí a 10ª (Décima) edição do tradicional evento realizado pela Escola de Pais, denominado “Feijão Família” que neste ano acontecerá dia 18 de junho no Salão Paroquial de Videira.

Prestígie este evento.
ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

Seccional de Videira/SC



SA VINÍCOLA
SANTA
AUGUSTA

www.santaugusta.com.br
3533-8181

DEGRADÉE
SONORIZAÇÃO E EVENTOS

Jane Bridi
Organização e cerimonial

FONE: (49) 3566 1391 - CEL: 9980 4047 / 9914-2152
degradeesom@gmail.com

ADVOCACIA VIECELI
www.advocaciaviecelli.com.br
cassio@advocaciaviecelli.com.br

Rua José Formighieri, nº417 - Videira - SC - CEP: 89.560-000
Fone/Fax: (49) 3566-7828 / 3566-6775
Rua Almirante Barroso, nº621, centro - Itajaí - SC - CEP: 88.303-040
Fone: (47) 3344-2828 / 3344 - 0668

Luagel
www.luagel.com.br
Telefone: 049 3566 0102

Videira
SHOPPING

[Aberto das 10h às 22h.]

Av. Dom Pedro II, 35, Centro - Videira - SC
www.videirashopping.com.br
(49) 3566 - 1144